

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO:

Qual a diferença?



FORTALECIMENTO DA
AÇÃO COMUNITÁRIA



ELM Hermannsburg
Partner in Mission



200 ANOS
Presença
Luterana
no Brasil
IECLB - Igreja de Jesus Cristo



IECLB

Este caderno de estudos

Racismo, Discriminação e Preconceito qual a diferença?

é uma publicação da IECLB – Secretaria da Ação Comunitária/
Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias.

Organização

Carmen Michel – Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias

Colaboração

Günter Padilha, Maria Dirlane Witt, Marie Krahn, Olmiro Ribeiro Junior,
Rogério Aguiar, Selenir Kronbauer

Elaboração de conteúdos e assessoria

Carmen Michel, Cleide Olsson Schneider, Eliege Moura Alves,
Maria Dirlane Witt, Pedro Acosta Leyva

Revisão ortográfica

Susanne Buchweitz

Projeto gráfico, capa e diagramação

Suzana Witt

Realização

Secretaria da Ação Comunitária da IECLB,
por meio da Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias

Apoio

OMEL – Obra Missionária Evangélica Luterana da Baixo Saxônia Hermansburg/
Alemanha Grupo Identidade da Faculdades EST

© Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 2022

Rua Senhor dos Passos, 202, 4º andar

90020-180 – Porto Alegre – RS

Fone (51) 3284 5400

secretariageral@ieclb.org.br

www.luteranos.com.br



FORTALECIMENTO DA
AÇÃO COMUNITÁRIA



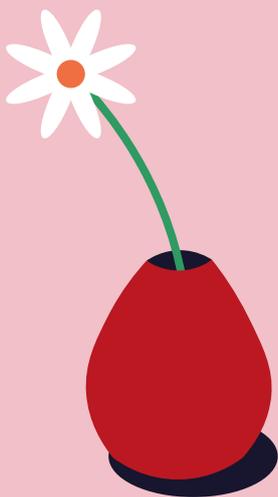
ELM Hermansburg
Partner in Mission



SUMÁRIO

- 5** Apresentação
- 6** Texto-base
- 15** Atividades educacionais para crianças, adolescentes e jovens
- 15** Filme Kiriku e a Feiticeira
- 16** Filme O Xadrez das Cores
- 17** Atividades educacionais para jovens e pessoas adultas
- 17** Racismo, discriminação e preconceito: qual a diferença?
- 19** Atividades da revista o Amigo das Crianças
- 20** Encontro com crianças
- 22** Atividade 1 – De mãos dadas
- 22** Atividade 2 – Galeria de arte “Viva as diferenças”
- 24** Encontro com jovens e pessoas adultas
- 25** Atividade 3 – De mãos dadas





APRESENTAÇÃO

É bíblica a afirmação que Deus criou o ser humano, homem e mulher, à sua imagem e semelhança, concedendo-lhes igual valor e dignidade (Gêneses 1.27). O apóstolo Paulo reforça esse conceito de igualdade na diversidade, ao falar da Igreja de Jesus como um só corpo, onde as diferenças são reconhecidas e valorizadas (1 Coríntios 12) e questionadas quando resultam em desigualdades e injustiças (Gálatas 3.28).

Ciente de seu compromisso evangélico com a justiça e a valorização da vida em todas as suas formas de expressão, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) entende que é necessário reconhecer a discriminação étnico-racial como realidade presente em seu meio e na sociedade. Só assim é possível enfrentá-la e, de maneira participativa, comunitária e inclusiva, somar esforços para transformar essa realidade.

Com o propósito de contribuir com a temática nos espaços comunitários, a Secretaria de Ação Comunitária, Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB oferece às comunidades o caderno de estudos Racismo, Discriminação e Preconceito: qual a diferença?

A partir da conceituação dos termos Racismo, Discriminação e Preconceito, esta publicação nos leva a identificar tais situações no cotidiano da vida e a refletir sobre como elas nos afetam enquanto pessoas e sociedade. O caderno oferece um texto reflexivo, com base bíblico-teológica, a partir do qual são apresentadas propostas metodológicas para trabalhar o tema com crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas.

Esperamos que esta publicação seja utilizada nos diversos espaços de formação. Que ela abra corações e mentes, seja fonte de informação e formação para todas e todos e contribua para a construção de comunidades mais abertas, inclusivas e igualitárias.

Pastora Carmen Michel
Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB
Pastor Olmiro Ribeiro Junior
Secretário de Ação Comunitária da IECLB

Racismo, Discriminação e Preconceito: qual a diferença



Dr. Pedro Acosta Leyva.

Licenciado em História pelo IPA. Mestre e Doutor pela Escola Superior de Teologia. Atualmente é Professor adjunto do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e do Programa de Pós-graduação PPGAFIN da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

INTRODUÇÃO

Apresentar um conceito em poucas páginas destas três importantes categorias (Racismo, Discriminação e Preconceito) para a reflexão da sociedade brasileira atual é uma tentativa difícil, um grande desafio, mas ao mesmo tempo, uma necessidade social, teológica e pastoral. Teóricos, teóricas e intelectuais do pan-africanismo como Edward Wilmot Blyden, Amy Ashwood Garvey, Marcus Garvey, William Dubois e outros da Negritude como são Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor se debruçaram amplamente sobre a temática. Inclusive foi lançada em agosto de 1920 “A Declaração dos Direitos dos Povos Negros do Mundo” denunciando os efeitos e o sofrimento que causa o racismo. Intelectuais como Abdias Nascimento, Maria Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e demais pessoas da área, tem feito grandes contribuições desde 1930. A questão é antiga e ainda não está resolvida, mas antes de entrar na conceitualização vou justificar a tentativa de escrever este texto.

Observações preliminares

Primeiro: A importância de refletir sobre o tema Racismo, Discriminação e Preconceito tem um fundamento bíblico: Deus chama e vocaciona a Igreja para ser expressão do seu amor no mundo: “Portanto, vão a todos os povos do mundo... ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado a vocês.” (Mateus 28:19-20); “Amem uns aos outros. Se tiverem amor uns pelos outros, todos saberão que vocês são meus discípulos”. (João 13.34); “Cantavam esta nova canção: Tu és digno de pegar o livro e de quebrar os selos. Pois foste morto na cruz e, por meio da tua morte, compraste para Deus pessoas de todas as tribos, línguas, nações e raças. Tu fizeste com que essas pessoas fossem um reino de sacerdotes que servem ao nosso Deus; e elas governarão o mundo inteiro.” (Apocalipse 5.9-10) A ordem de Deus, de pregar o Evangelho a todos os povos e nações, e amar as pessoas como a nós mesmos, a nós mesmas, nos impele a pensar em categorias e conceitos sociais que afetam as pessoas que compõe esses povos e nações, e não somente as pessoas cristãs. Pois, “Pela fé em Jesus Cristo, não pode haver desigualdades entre judeus e não judeus [etnias], escravos e pessoas livres [classe social], homens e mulheres [gênero], porque somos um só corpo.” (Gálatas 3.28) Pode viver um corpo dividido? A Resposta é não. Todas as partes de um corpo são braços ou todas são pernas? Não. Há quem seja mais importante ou menos importante? A resposta é não. O Corpo de Jesus Cristo é diverso e plural (1Coríntios 12). No corpo de Cristo, a participação é igualitária, as diferenças são reconhecidas e valorizadas quando contribuem para a equidade e são questionadas quando resultam em desigualdades e injustiças.

Em segundo lugar, vale lembrar que o Brasil é um país multiétnico, formado por povos vindos da Ásia, da África e da Europa e pelos mais de mil povos indígenas que habitavam esta terra, hoje chamada Brasil. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) faz parte do processo de imigração europeia, em especial a alemã, iniciada no século XX. Inicialmente, o povo evangélico luterano reproduziu no Brasil sua igreja de origem, mas com características próprias, procurando se adaptar ao contexto. Vale lembrar, que há 40 anos era raro ver nas comunidades da IECLB pessoas de outras etnias, que não fossem de descendência germânica. Hoje, já é possível perceber nas comunidades da IECLB, certo reflexo da composição étnica da brasilidade. Abordar o tema Racismo, Discriminação e Preconceito na IECLB, além de remeter à sua própria história, quer iluminar o presente com vistas a edificação de comunidades cada vez mais igualitárias e inclusivas.

Em terceiro lugar, a IECLB tem uma história de iniciativas de combate ao racismo, a discriminação e ao preconceito. Desde 1982 atua com os povos indígenas através do Conselho de Missão entre Povos Indígenas-COMIN. As questões relacionadas às populações afrodescendentes são acolhidas a partir da Escola Superior de Teologia (EST). As pessoas negras que ingressam na EST são acolhidas pelo grupo Identidade, que foi criado, em 1996, pelo professor Peter T. Nash para pesquisar assuntos relacionados à negritude e para discutir as relações da igreja com as populações afrodescendentes. Pelo Grupo Identidade já passaram, como coordenadoras, as professoras Maricel Mena Lopez e Selenir Gonçalves Kronbauer. Outra contribuição importante foram os simpósios: “Abrindo as Portas da Igreja” que discutiram a missão da Igreja na sociedade multicultural. Ademais, a própria criação da coordenação de Gênero, Gerações e Etnias na Secretaria da Ação Comunitária da IECLB, é exemplo da preocupação em ser uma igreja plural, onde todas as pessoas se sintam acolhidas, respeitadas e amadas (NASH, 2005, ACOSTA-LEYVA et al, 2006, RIETH, 2020).

Pareceu-me importante justificar o porquê se torna necessário compreender os conceitos de Racismo, Discriminação e Preconceito, pois, eles fazem parte de nossa realidade e não podemos escapar deles como brasileiros e brasileiras e nem como igreja luterana. O nosso objetivo é apresentar estes conceitos de forma sucinta a partir de alguns elementos que possam ajudar na compreensão de como se estrutura na sociedade.

Portanto, apresentarei o conceito das categorias Racismo, Discriminação e Preconceito. Por meio de alguns exemplos, argumentarei como eles se deram ao longo da história. Evitarei o uso de citações diretas para facilitar a leitura, mas irei sugerir algumas leituras e, também, vídeos que facilitarão a compreensão dos conceitos.

RACISMO

Racismo é uma ideologia que propõe uma hierarquia das raças, isto é, que entende que os seres humanos estão divididos em grupos raciais e que há uma escala de atributos, características e valores que afirma a superioridade de alguns grupos em relação a outros. Como ideologia, o racismo foi elaborado em um tempo, em um contexto e com objetivos específicos (FIRMIN, 2013).

Desde a antiguidade têm existido ideologias, que são conjuntos de representações, ideias e imagens, que consideram um povo melhor que outro. O povo grego se considerava “civilizado” e classificava de bárbaros todos os outros povos. Os povos germânicos, por exemplo, eram vistos como “bárbaros” pela sua cultura, forma de se vestir e por não dominar a escrita. Têm-se registros históricos desse comportamento “etnocêntrico” entre os povos asiáticos, indígenas e africanos. Trata-se de ideologias etnocêntricas que, a partir de aspectos sociais e culturais definem a superioridade de um grupo em relação ao outro. Nesse sentido, há várias ideologias de classe social, de grupos sociais e de castas que não são de cunho racial. Pois estas, não se utilizam das características físicas como a cor da pele e a textura do cabelo para elaborar a ideia de superioridade. Somente no Brasil, o racismo apresenta tais aspectos físicos como ideologia de dominação.

Mas não foram descendentes de alemães, indígenas e afro brasileiras que inventaram essa ideologia chamada racismo. **Então, quem inventou o racismo, quando e para quê?**

O racismo que conhecemos no Brasil é basicamente um conjunto de representações e práticas de dominação criado pela elite, pequeno grupo de pessoas de pele clara, para tirar proveitos econômicos, sociais e políticos utilizando a cor e outras características físicas como motivo para declarar-se superiores aos outros grupos étnicos e usufruir de privilégios.

O racismo não nasceu no século XXI. O racismo começa sendo uma ideia religiosa que, no período da colonização, buscava justificar o suposto direito que os povos europeus tinham de sequestrar os povos africanos e os povos indígenas e convertê-los em escravizados (MBEMBE, 2014). Com o passar do tempo às ideias religiosas ficaram obsoletas para embasar as atrocidades do rapto e da escravização dos povos ditos de “cor” e foi quando entrou no cenário a ciência como instrumento que classifica os seres humanos em raças “superiores e inferiores”.

A ciência, no século XIX, como também a religião colocou o peso da tragédia que produz o racismo brasileiro sobre os povos ditos não “brancos”.

A religião e a ciência, no século XIX e em outros momentos históricos pontuais, sustentaram com suas doutrinas e teorias a ideologia do racismo. Desta forma ajudaram e fortaleceram a dominação europeia e justificaram os privilégios da elite branca no Brasil e em outros lugares do mundo.

A ideologia racista, que defende a superioridade de pessoas brancas em relação aos outros grupos, penetrou no judiciário. Até pouco tempo, as leis brasileiras criminalizavam as práticas e representações de outros povos, por exemplo, a capoeira, a vadiagem e os cultos de matriz africana. Na educação, as leis igualmente limitavam a participação plena de pessoas negras aos benefícios do ensino da sociedade. Em relação às punições, até 1888 era comum e aceitável a prática horrorosa de espancar até a morte uma pessoa de cor preta. Se pensarmos no Almirante Negro, João Cândido Felisberto, confirmamos que ainda depois da Lei Áurea era costume arraigado surrar os negros na Marinha. Essa prática causou a famosa Revolta da Chibata em 1910 (LOPES, 2011).

O racismo é um conjunto de ideias, uma ideologia, que direciona os benefícios econômicos, políticos e simbólicos para a elite branca. Para sustentar esta dinâmica social se usa as estruturas da sociedade. Através da educação, das leis, dos meios de comunicação e da cultura em geral, se justifica a supremacia branca diante dos outros grupos sociais não brancos.

Atualmente, o racismo é uma realidade

sistêmica, presente na maneira como nos relacionamos socialmente. Ele está naturalizado nos hábitos, nas piadas, nas diversas situações do cotidiano, na forma como são feitos os atendimentos às pessoas nos estabelecimentos comerciais e nas instituições públicas e privadas.

Na igreja, o racismo é hoje reconhecido como pecado que contraria a ética cristã e a doutrina da Bíblia que afirma a dignidade de todas as pessoas, como imagem e semelhança de Deus. Inserida na sociedade brasileira, é imprescindível que a Igreja esteja ciente que pela fé é inaceitável fazer acepção de pessoas e pela lei brasileira racismo é um crime que deve ser denunciado.

O racismo sempre vem acompanhado de tratamentos desiguais. A profundidade do racismo como ideologia passa pela subjetividade individual, pelas instituições e por cada elemento que compõe a representatividade e o exercício do poder. Clóvis Moura (1990) fez um inventário das imagens com as quais eram representadas as pessoas negras no Brasil, chamando atenção para três questões: a invisibilização, a posição de subalternidade e a desqualificação das pessoas negras.

Através de livros, da arte, da fotografia representações de cunho racista são socializadas na educação, formando a opinião e a estrutura mental das novas gerações, daqueles e daquelas que no futuro serão professores, professoras, juízas e juizes, jornalistas, lideranças políticas, religiosas.

Imagens preconceituosas sobre a pessoa negra, que alimentam a ideologia racista, tornadas palavras, ganham vida própria no dizer de Mbembe (2014, 30) “o mundo das palavras e dos signos autonomizou-se a tal ponto que não se tornou apenas um escrã para repreensão do sujeito, da sua vida e das condições de produção, mas ganhou uma força própria, capaz de

se libertar de qualquer ligação à realidade”. Mbembe diz que isto é a lei da raça: uma ideologia onde raça é um dado independente da informação científica, visto que raça biologicamente não existe, ou seja, trata-se de ideias criadas para dominar e que estão aí como condicionantes das relações sociais e de poder mediado pelas estruturas institucionais.

DISCRIMINAÇÃO

Abdias Nascimento, em seu pronunciamento no dia 28 de maio de 1998, no Senado Federal, falou sobre o que é discriminação chamando atenção para a situação de brasileiros e brasileiras que, por terem a cor de pele preta, ganham salários mais baixos que colegas de cor branca, apesar de terem o mesmo grau de escolaridade e a mesma experiência (NASCIMENTO, 1998). O exemplo de discriminação exposto por Abdias Nascimento se refere ao mundo do trabalho, no entanto, isso se aplica a extensão de todas as áreas da vida humana. Qualquer distinção ou preferência em que há segregação ou tratamento injusto e desigual é entendida como ato discriminatório. Quando se rejeita, exclui ou favorece uma pessoa ou grupo por sua religião, filosofia de vida ou características físicas se está perante uma discriminação. Pode-se ver na sociedade a rejeição de pessoas doentes ou portadoras de alguma síndrome; também se registram exclusões por motivos de gênero, por pertencer a uma determinada

religião, classe social e até por ter uma visão diferenciada da sociedade.

Embora nosso foco seja a discriminação racial, vale dizer que todas as formas de discriminação abalam a condição humana dos grupos e das pessoas, tanto de quem sofre a discriminação quanto de quem pratica. Como pessoas cristãs e cidadãs, é necessário enfrentar todas as formas de discriminação com vistas à uma sociedade mais solidária e inclusiva (CONE, WILMORE, 1986).

O problema da discriminação racial no Brasil é que a exclusão das pessoas negras se tornou naturalizada. É uma rejeição consciente e inconsciente que por séculos vem sendo praticada, inclusive sustentada pela lei no passado colonial.

Discriminação racial tem relação direta com o poder porque se trata **“de uma atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”** (ALMEIDA, online).

Ou seja, a discriminação racial só existe onde se exerce poder de exclusão e opressão sobre a outra pessoa ou grupo. ***Diante disso pergunta-se: 1) uma rejeição que está naturalizada contra as pessoas negras pode ser mudada e superada? 2) quais são os métodos e estratégias para superar a exclusão das pessoas negras que por séculos vem sendo praticada?***

Para a primeira questão a resposta é: sim.

Claro que podemos superar qualquer prática de rejeição das pessoas negras porque nossas capacidades nos permitem construir e reconstruir as estruturas das sociedades e nossos hábitos. A resposta para a segunda questão, será motivo de outro texto mais exaustivo, mas podemos adiantar que o fato de você estar lendo este texto inicial é o princípio para se descobrir uma estratégia capaz de superar a discriminação racial.

PRECONCEITO

Enquanto o racismo é uma ideologia baseada na cor, textura do cabelo e outros aspectos físicos para benefício do grupo “não-negro”, a partir de uma suposta superioridade que justifica o controle das riquezas e das instituições sociais; a discriminação racial se configura como a rejeição, exclusão ou tratamento diferenciado por motivo da cor das pessoas; por sua vez o preconceito vem a ser uma atitude mental que emite um juízo antes de conhecer.

O preconceito é um prejulgamento sobre algo ou alguém antes mesmo de analisar, averiguar ou conhecer. O professor Peter T. Nash, bem conhecido na IECLB, afirmava em aulas na Escola Superior de Teologia, que a ideia de que o desconhecido produz temor é falsa. Ele justificava sua assertiva argumentando que a curiosidade humana é superior ao medo. O desconhecido pode causar na pessoa

interesses, as vezes risos e outras vezes paixões e proximidades. As pessoas que defendem que o “desconhecido” produz medo é porque já têm uma realidade que as condiciona e lhes impulsionam a fazer formulações sem fundamentação.

O preconceito racial cabe perfeitamente nessa explicação de Peter T. Nash, isto é, a realidade na qual a pessoa está inserida a condiciona para que faça julgamentos prévios em relação a determinado grupo que por ela é desconhecido. O contexto cultural e social brasileiro condiciona as pessoas a pensarem negativamente em relação à população indígena e negra.

Imagino que ficaram atentos ao fato que em nenhum momento tentei fazer o que todos os pesquisadores fazem: primeiro definir o conceito de raça para depois tratar as demais categorias. A razão para essa postura é que “raça” é uma palavra que

produz nervosismo, raiva e explosões emocionais, mas na verdade, cientificamente falando, “raça” é um termo central inventado para dar base ao racismo e ao preconceito. A maior mentira histórica é a suposição de que existem raças humanas.

Reiteradas vezes o professor Peter T. Nash (2005) afirmava que o racismo inventou a raça e que o conceito raça não é mais que um juízo antecipado e ignorante de pessoas que aceitam ou não sabem que seres humanos não são classificados por raças; somos uma única espécie. Religiosamente falamos, com bases bíblicas, que todas as pessoas são filhos

e filhas de Adão e Eva; e, cientificamente se diz que todos os seres humanos são da espécie Homo sapiens. A cor das pessoas, a textura do cabelo e as marcas digitais e outros aspectos físicos não constituem elementos que fundamente biologicamente uma raça.

Em resumo, falar em raça é de início preconceito, porque não existem raças humanas; existe uma única espécie humana. O que realmente podemos comprovar que existe é racismo (ideologia) e discriminação (tratamento desigual) alicerçados no preconceito (juízo antecipado) de uma suposta existência de raças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma tríade fatídica: racismo, discriminação e preconceito. O racismo justifica o domínio da “elite branca”; a discriminação naturaliza os mecanismos de exclusão pela cor e o preconceito funciona como condicionante sociocultural para realizar julgamentos antecipados. Esta tríade se camufla na igreja através daquilo que passa de modo transversal, através de doutrina sem fundamento bíblico nem teológico (preconceito), no afastamento e não acolhimento de outros grupos humanos (discriminação) e na permanência do poder de uma elite branca que se apropria dos confortos, das decisões e dos benefícios (racismo). Em outras palavras, Racismo é o sistema de ideias que estrutura o tratamento (discriminação) e modula os estereótipos baseados na cor e outros aspectos físicos.

Na sociedade a tríade fatídica (Racismo, Discriminação e Preconceito) penetra em todos os âmbitos gerando conflito, criando realidades excludentes e se manifestando em práticas desumanas que promovem o genocídio das populações indígenas e negras. O racismo não poderia existir de forma espontânea. Ele é resultado de uma ideologia classificatória que necessitava justificar o processo histórico da escravização da população negra e, que teologicamente concebeu a negação do direito e da liberdade, que Cristo conquistou à humanidade, para as pessoas negras.

Para sustentar a base do racismo, buscou-se criar a ideia de raças humanas. Inicialmente, fazendo uso inapropriado da Bíblia e da religião, buscando mais tarde, apoiar-se também na ciência. Porém, nem a Bíblia nem a ciência provam a existência de raças humanas, deixando o racismo sem base de fundamento.

No entanto, séculos de narrativas racistas e práticas de discriminação condicionaram as mentes a elaborarem ideias preconceituosas favorecendo à naturalização de tais pensamentos e práticas. Nesse sentido, torna-se importante e necessário: discutir nas comunidades os efeitos do racismo para as relações sociais e o desafio missionário da igreja; identificar as atitudes discriminatórias e preconceituosas que permeiam os espaços comunitários; buscar estratégias que auxiliem no processo de superação do racismo, da discriminação e do preconceito na igreja e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-LEYVA, Pedro; MALOMALO, Bas'llele. Entrevista. Em: MELLO, Eliana Müller. (ORG) Identidade e inclusão social: educar pela pesquisa. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.

ACOSTA-LEYVA, Pedro; SOUZA, Ezequiel de; MELLO, Luis Carlos. História do Grupo Identidade: uma década de vida e contribuições. Identidade, São Leopoldo, ano 10, n. 2, p. 6-14, 2006.

ALMEIDA, S. RIBEIRO, Djamilah<https://www.youtube.com/watch?v=ZADKtsNnx74>

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural: feminismos plurais. São Paulo: Pólen. Online.

CONE, James H; WILMORE, Gayraud S. Teologia Negra. São Paulo: Paulinas, 1986.

FERMIN, Joseph Antenor. Igualdad de las Razas Humanas. La Habana: editorial Ciencias Sociales, 2013.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. (Org). História do negro no Brasil escravidão, gênero, movimentos sociais e identidades. São José: Premier, 2011.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Lisboa: Antígona, 2014.

MOURA, Clóvis. As injustiças de Clio. O negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Nossa Terra, 1990.

NASCIMENTO, Abdias. Pronunciamento de Abdias Nascimento em 28/05/1998–Discurso no Senado Federal) Em: Gabinete do Senador Abdias Nascimento. Thoth, Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999.

NASH, Peter T. Relendo Raça, Bíblia e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2005.

RIETH, Ricardo Willy. Identidade, negritude e hermenêutica: Peter T. Nash e a teologia negra no Brasil. Identidade! São Leopoldo. v. 25 n. 2 , p. 27-41, jul.- dez. 2020.

ATIVIDADES

CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS

O presente texto objetiva ser uma contribuição para o trabalho sobre a cultura afro-brasileira alicerçada na Lei 10.639 de março de 2003 e na Lei 11.645, marcos jurídicos que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas.

A aproximação e a discussão de temas relacionados com as desigualdades étnico-raciais conduzem ao rompimento de estereótipos, preconceitos e discriminações que foram construídas ao longo da história do nosso país. Certamente o trabalho efetuado será um impulsionador para reflexões e ações no cotidiano das pessoas envolvidas com atividades educativas, para que possamos nos mobilizar em prol de uma sociedade mais igualitária, mais justa e que contemple as múltiplas identidades que integram o povo brasileiro.

ATIVIDADE 1

Assistir ao filme Kiriku e a Feiticeira com as crianças

O filme relata a coragem, a curiosidade e a astúcia de uma comunidade subjugada por uma terrível feiticeira. Kiriku, um menino que nasceu para lutar e combater o mal, enfrenta o poder da Karabá, a feiticeira maldosa, e seus guardiões. Kiriku aprende em sua luta que a origem de tanta maldade é o sofrimento, e só a verdade, o amor, a generosidade e a tolerância, aliados à inteligência, são capazes de vencer a dor e as diferenças.

Conversar sobre as seguintes questões:

1. **Quais eram as armas utilizadas por Kiriku?**
2. **Como ele conseguiu vencer a feiticeira?**
3. **Parte dos conflitos vividos por Kiriku estão relacionados com a natureza. Como é a forma de vida nas aldeias africanas?**
4. **Quais os aspectos que podemos relacionar com a nossa sociedade?**
5. **Quais as formas de produção de alimento na nossa sociedade e nas aldeias que foram representadas no filme?**
6. **Como Kiriku conseguiu vencer a feiticeira, apesar de ser menos forte e menos poderoso?**
7. **Quais são os elementos musicais apresentados no filme?**

Trabalho em grupos

Após assistir ao filme, além de propor uma roda de conversa, é possível desenvolver outras atividades, como a confecção de cartazes e alguns instrumentos musicais feitos com sucata.

ATIVIDADE 2

Assistir ao filme **O Xadrez das Cores**

O filme permite discutir questões relacionadas ao racismo, a partir das dificuldades enfrentadas pela empregada doméstica no trabalho. O fato central é uma situação explícita de racismo ocorrida entre uma senhora e a empregada doméstica. À medida que o encontro entre as duas ocorre, podemos perceber situações que acontecem cotidianamente, mas que, muitas vezes, passam despercebidas por nós.

O mito da democracia racial, apesar de todos os avanços sociais, ainda permanece em nossa sociedade. Para que haja de fato igualdade étnico-racial, se faz necessário um olhar mais cuidadoso sobre a nossa sociedade, para buscar formas de superação do racismo e do preconceito racial ainda presentes na contemporaneidade. Para que possamos ultrapassar as barreiras impostas desde a abolição, precisamos estar abertas e abertos à reflexão e possibilidades de mudança da nossa realidade. Afinal de contas, o racismo estrutural e a ideia de que vivemos em uma democracia racial são os grandes entraves à construção de uma sociedade mais humana e justa do ponto de vista étnico-racial.

Conversar sobre as seguintes questões:

- 1. Qual a ideia central do filme?**
- 2. Quais as visões cristalizadas que temos sobre as outras pessoas?**
- 3. Quais situações podem ser observadas?**
- 4. Como você observa a situação ocorrida entre os personagens principais e o nosso cotidiano? Existe uma relação que possamos estabelecer?**
- 5. Quais situações apresentadas no filme que você já presenciou?**

Trabalho em grupos

Após a discussão em grande grupo, forme pequenos grupos e entregue, para cada um, uma palavra relacionada ao tema do filme: estereótipo, racismo, preconceito, discriminação, democracia racial, igualdade, humanidade. Cada grupo deverá elaborar um cartaz com recortes ou desenhos que definam a palavra recebida. Após a elaboração do cartaz, os grupos menores devem apresentá-lo ao grande grupo. A definição apresentada deve estar relacionada com algum aspecto do filme.

Professora Eliege Moura Alves

PROPOSTA DE ESTUDO COM PESSOAS JOVENS E ADULTAS

Racismo, discriminação e preconceito: Qual é a diferença?

1. Projetar ou escrever as três palavras em um quadro ou cartaz, de forma que fiquem visíveis ao grupo. Fazer uma chuva de ideias sobre o que se pensa a respeito de cada palavra. A pessoa que coordena o encontro pode registrar as percepções do grupo, escrevendo-as ao lado de cada palavra-chave.
2. Ler, depois da chuva de ideias, o significado das palavras (racismo, discriminação e preconceito), conforme consta no texto base deste caderno.
3. Motivar as pessoas para que escrevam numa folha frases preconceituosas que escutam no cotidiano. Em seguida, convidar para a leitura das frases, em voz alta, destacando o quanto essa linguagem é reprodutora de racismo e discriminação. Também é possível conversar sobre o quanto essa linguagem abre ou fecha as portas para grupos e pessoas que foram e são excluídas inconscientemente ou conscientemente das nossas comunidades religiosas.

Refletindo sobre racismo, discriminação e preconceito a partir de Jesus

1. Formar duplas ou pequenos grupos. Cada grupo trabalhará com um texto bíblico: Marcos 7.24-30 (A mulher siro-fenícia); João 4.1-29 (A mulher samaritana); Lucas 10.25-37 (Parábola do bom samaritano). É possível mais de um grupo trabalhar o mesmo texto.
2. Pedir para que o texto seja lido nos grupos e refletir a partir das seguintes motivações: quais as tensões e os conflitos presentes no texto? Como Jesus lidou com as pessoas que não eram do seu grupo social e religioso? Qual o desafio que o texto apresenta para a nossa comunidade e sociedade hoje?
3. Pedir que os grupos compartilhem em plenária a reflexão que fizeram.

Nosso compromisso frente ao racismo

a) Comentário

Jesus ensinou que o amor vence o ódio e que a diversidade é uma bênção divina para a humanidade. Num país tão plural como o Brasil, não respeitar a diversidade e silenciar diante de atitudes racistas e preconceituosas é abafar a efusão da graça de Deus.

“Um novo mandamento dou a vocês: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros”. João 13:34

A fé em Jesus Cristo convida à revisão de vida com base no amor gracioso e incondicional de Deus por sua criação, que inclui também você e eu. Logo, é possível perceber que essa realidade de relações desiguais e injustas não é da vontade de Deus, nem cabe no

projeto de Deus, revelado em Jesus Cristo, que anunciou: “Eu vim para que tenham vida em abundância”. João 10.10

Jesus nos chama a testemunhar seu amor no mundo, a ser mensageiras e mensageiros da paz, ser sal da terra e luz do mundo. Isso, não porque somos perfeitas e perfeitos, ou melhores que as outras pessoas, mas porque o próprio Jesus confia isso a nós. Ele nos envia o Espírito Santo, para dar clareza na caminhada, sabedoria para decidir e coragem para denunciar os instrumentos de morte e promover justiça e paz.

b) Dinâmica da cruz

As folhas com as frases escritas no início do estudo revelam algumas de nossas dificuldades e pecados, individuais e coletivos, referentes ao racismo. Convide cada pessoa a colocar a sua folha sobre uma mesa ou no chão, formando com elas uma cruz.

Deus pode e quer transformar pessoas, relações e situações racistas em movimento de abertura, acolhida e comunhão. Num gesto simbólico de confiança no poder transformador de Deus, por meio do perdão e da reconciliação, convide cada pessoa a pensar em uma atitude pessoal positiva, que possa assumir diante de situações de racismo e violência no seu cotidiano, em particular.

Oportunize a partilha dos compromissos pessoais em favor da superação do racismo. Cada pessoa, ao falar sobre a atitude positiva que deseja assumir diante do racismo, acende uma vela e a coloca sobre uma das folhas que formam a cruz.

c) Encerramento

“Se olhares em volta e tudo estiver escuro, olhe novamente, talvez você seja a luz”. Rumi
Oração: Deus de amor e misericórdia, tua presença se faz sentir em nosso meio, com os sinais do teu amor que iluminam nossas vidas. Dá-nos forças para seguirmos com o compromisso de transformar relações e atitudes que não promovem a qualidade de vida que tu nos desejas. Guarda-nos em teus cuidados e ajuda-nos a trilhar por teus caminhos de bênção e paz. Amém.

Canto: Momento novo (LCI 605)

1. Deus chama a gente pr'um momento novo de caminhar junto com seu povo.

É hora de transformar o que não dá mais; sozinho, isolado ninguém é capaz.

/:Por isso vem!

Entra na roda com a gente, também, você é muito importante. :/ Vem!

2. Não é possível crer que tudo é fácil.

Há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação.

É necessário unir o cordão.

/:Por isso vem ...

3. A força que hoje faz brotar a vida atua em nós pela sua graça.

É Deus quem nos convida p'ra trabalhar, o amor repartir e as forças juntar.

/:Por isso vem ...

Disponível em <https://www.luteranos.com.br/conteudo/momento-novo-1>

ATIVIDADES DA REVISTA O AMIGO DAS CRIANÇAS



A revista Amigo das Crianças tem um volume virtual com atividades para você trabalhar o tema sobre o Dia da Consciência Negra e sobre Igualdade na Bíblia. Conheça os textos, as canções e atividades propostas, acessando o link:

https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-formacao-educacao-crista/igualdade-na-biblia-revista-o-amigo-das-criancas

Bom aprendizado e diversão!

Pastora Carmen Michel
Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias
Secretaria da Ação Comunitária da Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil
Porto Alegre/RS

ENCONTRO COM CRIANÇAS JOVENS E PESSOAS ADULTAS

Em todo o tempo, as pessoas são chamadas a rever seu modo de agir diante de muitos temas. Também pessoas cristãs precisam avaliar, ou reavaliar, alguns temas que ferem o princípio básico que Jesus ordenou: amar a outra pessoa como a nós mesmas, nós mesmos. (Mateus 22.39)

Cada pessoa é responsável pela outra. Quando Deus perguntou a Caim onde estava Abel, a resposta não agradou a Deus (Gênesis 4.9). Cada pessoa deve se preocupar e se ocupar com sua irmã, seu irmão. O bem-estar, tanto físico como emocional, deve ser para todas as pessoas. Os princípios de amor, compaixão, solidariedade e igualdade estão presentes nos relatos dos Evangelhos sobre a vida e ensinamentos de Jesus. Jesus ensinou, em palavras e ações, que o maior fundamento da existência humana é o amor. O testemunho

do apóstolo Paulo também reflete esse fundamento quando afirma que nada é mais importante que o amor.

Então, vem a pergunta: como ainda há tanta discriminação e situações de racismo no meio cristão? Explicar pelo viés do pecado seria uma possibilidade. Mas, pessoas cristãs já conhecem o amor de Deus, já vivem a partir do Evangelho e da graça da salvação, já ouviram ou leram relatos de comunidades em formação e suas dificuldades, já testemunham no cotidiano a graça da reconciliação com Deus através de Jesus Cristo. Sendo assim, não há justificativas para que pessoas de outra raça ainda se sintam oprimidas, tanto nas comunidades quanto fora delas.

A seguir, seguem sugestões para tratar do tema com crianças e jovens. A diferença da cor de pele deve ser ressaltada para indicar a variedade linda da criação de Deus, tentando não apontar para a diferença simplesmente como branco ou negro. A intenção é que a diferença seja entendida como parte da criação de Deus, que nos faz ainda mais próximas e próximos umas das outras, uns dos outros.

MATERIAL

Atividade 1 – folha de papel, tesoura sem ponta, lápis, lápis de cor, giz de cera, retalhos de papel colorido, retalhos de tecidos coloridos, ou outro material que achar pertinente.

Atividade 2 – um pedaço de papelão ou cartolina para cada criança no tamanho 30 cm x 30 cm, canetinhas coloridas, lápis de cor, giz de cera e um espelho grande para a turma.

Atividade 3 – pedaços de papel (retângulos de metade de folha A4 – paisagem) nos vários tons de pele para cada participante, tesoura, lápis, bíblias.

Preparar o ambiente

No centro da sala, preparar um lugar para a montagem de um pequeno altar: panos coloridos, vela, flores, cruz, bíblia. Seria importante organizar o ambiente bem colorido, com bonecas de pano (ou papel) de vários tons de pele para o encontro com as crianças e retângulos coloridos para o encontro com pessoas jovens e adultas.

Encontro com crianças

Acolhida

Saudar as crianças e todas as pessoas que estão no local e convidar para cantar a música “Eu te vejo”. Em duplas, vão cantando e dançando. Repetir várias vezes, para que possam abraçar outras pessoas. Após, sentar em círculo (pode ser no chão) e convidar para um momento de oração e reflexão.

Oração

Deus de amor, nós queremos te agradecer porque hoje podemos nos reunir com amigas e amigos tão diferentes. Tu nos fizeste assim e queremos pedir que esse encontro seja de muito amor e alegrias. Amém!

Reflexão

Olá, amigas e amigos!

Que bom que vocês podem estar aqui hoje. Nosso encontro vai ser muito especial porque vocês estão aqui.

Já viram quantas pessoas nós somos? Quantas pessoas são diferentes de nós? E por que será que somos tão diferentes? Quais são as nossas diferenças? (deixar que as crianças falem o que percebem)

Somos diferentes no jeito de falar, no jeito de vestir, gostamos de comer ou beber coisas diferentes, gostamos de músicas diferentes. Temos cor de pele diferentes e também cabelos diferentes. E apesar de sermos tão diferentes, fomos criadas e criados pelo mesmo Deus. Ele nos ama assim, do jeito que somos. Por isso, tudo bem ser diferente.

Ler o livro Tudo bem ser diferente, ou passar o vídeo disponível no link https://www.youtube.com/watch?v=93ru_H77BiE&ab_channel=PraEducar.



Jesus ensinou que todas as pessoas merecem e precisam de carinho, cuidado e muito amor. Ele mesmo amou e cuidou de tantas pessoas diferentes: mulheres, homens, crianças, jovens, pessoas doentes, pessoas que não tinham dinheiro, pessoas que tinham muito dinheiro, pessoas de outros países....

E Jesus ainda disse: "Eu dou a vocês um novo mandamento: que vocês amem uns aos outros. Assim como eu os amei, que vocês também amem uns aos outros (nisto conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns pelos outros)". João 13.34-35

Canto: Deus te ama e eu te amo (LCI 545)

*Deus te ama e eu te amo
e assim queremos viver.*

*Deus te ama e eu te amo,
vivamos sempre assim.*

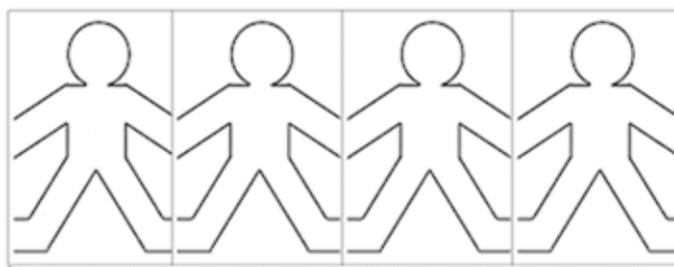
<https://www.luteranos.com.br/conteudo/deus-te-ama-e-eu-te-amo>

Cantar e fazer os gestos em duplas. Cantar várias vezes para trocar de dupla.

Atividade 1

Pessoas de mãos dadas

Disponibilizar às crianças o material que foi previamente organizado e propor a seguinte atividade:



Fazer uma tira retangular na largura que preferir. Dobrar várias vezes e desenhar o contorno do corpo de uma pessoa nos pequenos retângulos. Ainda dobrada, a figura pode ser recortada. Ao abrir, ficarão várias figuras como se estivessem de mãos dadas. Então, as crianças poderão colorir e decorar como preferirem. Ao final, juntar vários pedaços para fazer um círculo, uma ciranda e cantar.

Canto: Nós somos crianças do Reino (LCI 554)

*Nós somos crianças do Reino,
do Reino de Jesus.*

*Cantamos cantigas alegres,
cantigas de paz e de luz*

/:Lá, lá, lá, lá, lá: /

/:Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá.: /

Disponível em <https://www.luteranos.com.br/textos/criancas-do-reino>.

Atividade 2

Galeria de arte “Viva as diferenças”

1º momento

Distribua para as crianças um pedaço de papelão, canetinhas coloridas, lápis de cor e giz de cera. Deixe o espelho à disposição das crianças, para que possam observar as suas características (cabelo, cor dos olhos, cor da pele, boca, orelhas...).

2º momento

Peça que façam um autorretrato no pedaço de papelão, usando os materiais para colorir. Depois de pronto o desenho, cada criança apresenta a sua arte e as suas características. A pessoa que coordena enfatiza a beleza da diversidade. Cada pessoa é única no seu jeito de ser.

3º momento

Como fechamento da atividade, promova na comunidade uma mostra da arte realizada pelas crianças. É importante que as próprias crianças apresentem suas obras.

Deus nos fez diferentes, e por isso a criação de Deus é tão linda. Se Jesus nos disse que devemos amar todas as pessoas é porque ninguém tem menos valor. Deus não trata as pessoas de forma diferente. Todas são amadas por Deus. Vivemos, nos movimentamos e existimos porque Deus nos ama. Assim, podemos falar e agir conforme Jesus nos disse: amem todas as pessoas!

Oração

Deus de amor, te agradecemos porque hoje pudemos ver o quanto amas cada uma e um de nós. Nos fizeste tão diferentes e tão lindas e lindos! Agradecemos porque Jesus mostrou e ensinou como podemos amar as pessoas. Pedimos que nos acompanhes a cada dia, para que as nossas diferenças de cor de pele, de jeito de cabelo, de jeito de falar e tantas outras não nos impeçam de amar e cuidar de ninguém. Amém.

Canto: Normal é ser diferente (de Jair Oliveira)

Tão legal, ó minha gente!

Perceber que é mais feliz quem compreende

Que a amizade não vê cor, nem continente

E o normal está nas coisas diferentes

Amigo tem de toda cor, de toda raça

Toda crença, toda graça

Amigo é de qualquer lugar

Tem gente alta, baixa, gorda, magra

Mas o que me agrada é

Que o amigo a gente acolhe sem pensar

Pode ser igualzinho à gente

Ou muito diferente

Todos têm o que aprender e o que ensinar

Seja careca ou cabeludo

Ou mesmo de outro mundo!

Todo mundo tem direito de viver e sonhar

Você não é igual a mim

E eu não sou igual a você

Mas nada disso importa

Pois a gente se gosta

E é sempre assim que deve ser

https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg&ab_channel=GRANDESPEQUENINOS

Encontro com pessoas jovens e adultas

Canto: Canção da Chegada (LCI 8)

1. Estamos aqui, Senhor.

*Vimos de todo lugar,
trazendo um pouco do que somos
p'ra nossa fé partilhar,
/:trazendo o nosso louvor,
um canto de alegria;
trazendo a nossa vontade
de ver raiar um novo dia.:/*

2. Estamos aqui, Senhor,

*cercando esta mesa comum,
trazendo ideias diferentes,
mas em Cristo somos um.
/:E quando sairmos daqui,
nós vamos para voltar
na força e na esperança
e na coragem de lutar:./*

Disponível em <https://www.luteranos.com.br/textos/cancao-da-chegada>

Saudação:

Que bom que podemos hoje nos reunir como pessoas que querem viver e conviver em amor. Nos colocamos diante de Deus assim como somos, diferentes em tantos aspectos, mas buscando a unidade por meio da partilha da fé e da esperança.

E Jesus disse: “Eu dou a vocês um novo mandamento: que vocês amem uns aos outros. Assim como eu os amei, que vocês também amem uns aos outros. Nisto conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns pelos outros”. João 13.34-35

Oração (sugestão):

Deus de amor, te agradecemos por podermos nos reunir aqui neste lugar e com cada pessoa que aqui está. Nos fizeste tão diferentes e nos amas de forma igual. Teu Filho Jesus nos ensinou a amar todas as pessoas. Pedimos que nos ajudes a compreender esse mandamento tão precioso para a nossa vida e para nosso testemunho de fé. Assim, esteja conosco através de teu Santo Espírito. Amém.

Reflexão:

Hoje queremos refletir sobre nossas relações com pessoas diferentes de nós. Mas será que somos tão diferentes assim? Afinal, se estamos aqui hoje é porque temos muitas coisas em comum, não é?

Sim, somos parecidas e parecidos, mas não somos iguais. Somos diferentes no jeito de falar, no jeito de vestir, gostamos de comer ou beber coisas diferentes, gostamos de músicas diferentes. Temos cor de pele diferente e cabelos diferentes. Essas diferenças mudam algo no nosso relacionamento? (deixar que as pessoas reajam)

Vamos ver o que alguns textos bíblicos nos dizem.

Dinâmica:

Propor três textos bíblicos para a reflexão em grupos. Cada grupo recebe uma folha com o texto bíblico e as perguntas que acompanham:

Texto 1: Mateus 28.18-20

Perguntas auxiliares:

Qual a ordem que Jesus dá? A quem ela se destina? Qual a promessa de Jesus?

Considerações: há vários aspectos relevantes neste texto. Para o nosso propósito de estudo é importante ressaltar que a ordem de Jesus é ir e ensinar tudo o que Ele próprio ensinou; é ir e ensinar para todas as pessoas, e não para um grupo selecionado (só as amigas/os ou as pessoas que pensam como eu, ou as que têm a mesma raça, ou cor de pele); a promessa é que ele próprio, Jesus, vai estar junto a cada pessoa, inspirando, encorajando e capacitando.

Texto 2: Gálatas 3.26-28

Perguntas auxiliares: Como somos consideradas filhas e filhos de Deus?

Qual a consequência de sermos filhas e filhos de Deus?

Considerações: para este texto é importante ressaltar que somos filhas e filhos de Deus mediante a fé (pode haver pessoas no grupo que não sejam batizadas, e, por isso, podem se sentir constrangidas se o batismo for indicado como critério para ser filha e filho de Deus). Por causa da fé em Cristo Jesus, não há diferença entre as pessoas, ninguém é melhor que a outra. Somos uma unidade em Cristo, assim como Ele mesmo intercedeu. (João 17.21)

Texto 3: 1 João 4.16-21

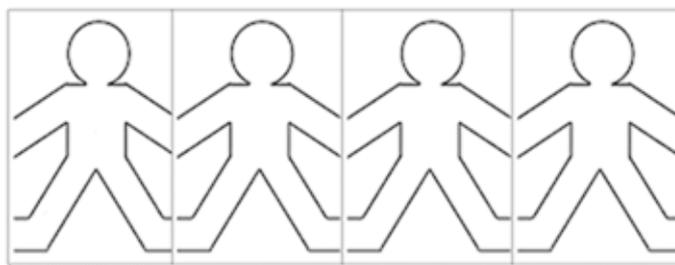
Perguntas auxiliares: Por que podemos crer no amor de Deus?

O que mais atrapalha o amor? Qual é o mandamento resultante do amor?

Considerações: Podemos crer no amor de Deus porque o próprio Deus é amor. Quem permanece no amor, permanece em Deus. O texto aponta para apenas um aspecto que atrapalha o amor: o medo. Esse afasta a pessoa da fonte do amor, Deus, e consequentemente, do próprio amor. O medo causa divisão entre as pessoas, injustiças, falta de paz, discriminação. O mandamento maior que este texto traz é que quem ama a Deus ama também sua irmã, seu irmão.

Na volta para a plenária, cada grupo compartilha as suas impressões sobre o texto bíblico que refletiu. Nesse momento, a pessoa coordenadora pode ponderar com as considerações acima.

Atividade 3 - De mãos dadas



Cada pessoa pega um papel dos que estão no centro da sala, dobra como uma “sanfona”, desenha uma figura humana e recorta. Em cada boneco pode-se escrever uma palavra-chave a partir da reflexão do grupo. Por fim, as figuras são coladas umas às outras, formando um círculo (Uma opção: é possível também que as figuras sejam separadas, ficando quatro, e essas serem coladas com outras, aumentando a diversidade e o colorido).

Canto: Sim, vale a pena viver (LCI 559)

1. Eu quero cantar um canto com muita alegria.

Eu quero que a fome nunca nos faça sofrer.

Espero um mundo cheio de risos e flores

e tudo porque vale a pena viver.

Sim vale a pena viver

compartilhando a paz que vem de Jesus.

Sim vale a pena viver

viver no mundo lindo feito por Deus.

Minha esperança em Deus é que me anima a cantar.

Servindo com gratidão, com alegria e amor.

Sim, vale a pena viver.

Sim, vale a pena, vale a pena.

Sim, vale a pena viver.

2. Eu posso cuidar do mundo que Deus tem me dado

Eu quero o fim das guerras e lutas cruéis.

Espero um mundo novo de gente abraçada

E tudo porque vale a pena viver.

Disponível em <https://www.luteranos.com.br/textos/sim-vale-a-pena-viver>

Oração final:

sugestão de oração pipoca. A pessoa que coordena pode encerrar.

Pastora Cleide Olsson Schneider



FORTEALECIMENTO DA
AÇÃO COMUNITÁRIA



ELM Hermannsburg
Partner in Mission



200 ANOS
Presença
Luterana
no Brasil
IECLB - Igreja de Jesus Cristo

